

Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

HARPEJAMENTO EM ÉGUA DA RAÇA CRIOULA: RELATO DE CASO

HARPEGING IN MARE OF THE CREOLE BREED: CASE REPORT

**Júlia Enderli do Nascimento², Carolina Corrêa³, Bianca Michele Benvenuti da Rosa⁴,
Bruna Rossotti⁵, Tamiris Menin⁶, Flavio Rybu⁷**

¹ As referências do título e autor devem ser digitadas em Fonte Times New Roman 10, espaçamento simples. Informar a referência do título do trabalho. Por exemplo: projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí; trabalho da disciplina xxxx; projeto de extensão realizado no xxxxxxxx....

² Acadêmica do curso de Medicina Veterinária pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

³ Médica Veterinária responsável pela clínica El Corralero Medicina Equina

⁴ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

⁵ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

⁶ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

⁷ Médico Veterinário responsável pela clínica Cristal Medicina Equina

INTRODUÇÃO

O harpejamento é uma síndrome de equinos caracterizada pelo andar anormal com flexão exagerada e involuntária de um ou ambos os membros pélvicos durante a movimentação (PEMBERTON E CAPLE, 1980). O harpejamento ou também conhecido como hipertonia reflexa equina (DUQUE et al, 2014), pode manifestar-se como uma claudicação que segundo Giunco e Abreu (2021), possuem uma intensidade e frequência diversificadas, podendo variar do grau leve ao severo.

Duas formas são relatadas, o harpejamento convencional e o harpejamento australiano. O harpejamento idiopático ou clássico, tem característica de afetar somente um dos membros, sendo conhecida como a forma unilateral que não tem uma causa definida podendo ocorrer de forma espontânea, por exercícios repetitivos ou traumas localizados no tendão, gerando processo inflamatório e aderência das estruturas envolvidas, entre outras lesões nos tecidos moles da região do tarso (BAXTER, 2011; MARTINEZ, 2007).

A segunda forma do harpejamento é a bilateral, conhecida como harpejamento australiano ou adquirido, que ocorre de forma sazonal, em surtos ou casos isolados (MARTINEZ, 2007). Esta forma tem sido relatada na Austrália, Nova Zelândia, América do



Norte, Brasil, Itália, Chile e Japão (PELOSO, 2012), podendo ser resultado da exposição a neurotoxinas e subsequente neuropatia periférica, ou a neurotoxinas derivadas de plantas como *Hypochaeris radicata* (BAXTER, 2011; BROCKMAN, 2016; DEL PIERO; ROBERTSON, 2015; PELOSO, 2012; SULLINS, 2011).

Rodrigues et al. (2008), mencionam em sua obra, que a ocorrência de casos de harpejamento aumentam em épocas como fim do verão e começo de outono, onde há registros de secas, o que leva aos proprietários colocarem os animais em pastagens de má qualidade.

Os sinais clínicos são variáveis, alguns animais apresentam suave aumento de flexão do tarso, ao passo que outros mostram um movimento mais acentuado do boleto em direção ao abdômen, nos casos mais graves pode haver contato da face dorsal do boleto com a porção ventral do abdômen (SULLINS *apud* BAXTER, 2011).

Essa hiperflexão causa problemas para os membros torácicos, pois estes sofrem uma sobrecarga excessiva pelo alto apoio do peso do animal sobre estes membros. O diagnóstico do harpejamento é baseado no exame clínico, observando-se os sinais de hiperflexão de um ou dos dois membros pélvicos, variando entre graus mais leves aos mais severos. Todas as raças podem ser afetadas (PELOSO, 2012). O diagnóstico diferencial deve considerar a miopatia fibrótica, fixação dorsal de patela e espasmos musculares (SULLINS *apud* BAXTER, 2011), além de osteoartrite (esparavão), lesões na região proximal do metatarso e enfermidades que promovem dores no casco podendo levar à hiperflexão e à alteração funcional do tarso (MARTINEZ, 2007).

Um fato comumente observado nos casos de harpejamento australiano é a recuperação dos sinais clínicos mesmo sem terapia ou intervenção cirúrgica (PEMBERTON, 1979; PEMBERTON E CAPLE, 1980; CAHILL et al. 1985), em equinos que são removidos para um campo de melhor qualidade (CAHILL et al. 1985).

Apesar da recuperação espontânea relatada, outra forma de tratamento é o cirúrgico, onde é realizada a técnica de Miotenectomia do Tendão Extensor Digital Lateral, esta técnica consiste em remover 2 a 10 cm da região distal do músculo extensor digital lateral e de todo o seu tendão (PELOSO, 2012). O procedimento pode ser feito com o animal sob anestesia geral



em decúbito lateral, ou sedado e em estação, com anestesia local onde são realizadas as incisões (KRAMER apud WILSON, 2006)

METODOLOGIA

Os dados utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, foram baseados em artigos, pesquisas e revisões de literatura. Esse estudo classifica-se como descritivo Gil (2018, p. 26) explica que “as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Caracterizando o objetivo deste trabalho, que a partir das pesquisas realizadas, foi descrever o relato de caso acompanhado e realizar um comparativo com base na literatura em forma de revisão bibliográfica a fim de ressaltar a importância de um correto manejo com animais da espécie equina e a importância de um correto diagnóstico e posterior tratamento desta enfermidade, que resultará em resultados positivos e preservação do bem-estar animal.

RELATO DE CASO

Foi atendida uma égua de 6 anos de idade, apresentando um grau de claudicação severo e relutância em se mover. A partir da anamnese, o proprietário relatou que o animal passou a apresentar alterações locomotoras de forma repentina, não manifestando relatos ou evidências clínicas de lesões pré-existentes. O proprietário ainda, afirmou que a égua era mantida em um piquete com presença de algumas plantas, entre elas a *Hypochaeris radicata*. A partir da apresentação severa dos sinais clínicos e histórico relatado, o animal foi diagnosticado com a patologia harpejamento, e em função da severidade do quadro, foi optado pelo tratamento cirúrgico.

O tratamento cirúrgico instituído foi a realização da Miotenectomia do Extensor Digital Lateral, cuja finalidade do procedimento consiste na remoção de uma determinada porção da região distal do Músculo Extensor Digital Lateral e todo seu tendão. O procedimento foi realizado com o animal em estação, sob sedação com cloridrato de detomidina na concentração de 1% na dose de 20 microgramas através da via intravenosa e bloqueios perineurais (dois botões em ambos os membros) com lidocaína na dose de 20 mL, para dessensibilização das regiões manipuladas, além de botões anestésicos locais. Além do



tratamento cirúrgico, foram realizadas administração de terapias medicamentosas, foi utilizado o anti-inflamatório meloxicam por 3 dias pela via intravenosa e 7 dias pela via oral, na dose de 0,6 mg/kg duas vezes ao dia. A antibioticoterapia profilática utilizada foi ceftiofur na dose de 3 mg/kg por 10 dias através da via intramuscular. A limpeza da ferida cirúrgica foi realizada duas vezes ao dia com o uso de solução fisiológica na concentração de 0,9% e pomada vetaglóls que auxiliaram na cicatrização da ferida cirúrgica.

Como terapias complementares, foi instituído o uso da eletroterapia para auxiliar na atrofia muscular por desuso que o animal apresentava. Além da laserterapia estimulando a cicatrização da ferida cirúrgica.

RESULTADOS

O procedimento cirúrgico foi eficiente quanto a redução no grau de hiperflexão dos membros afetados, agregando melhora na qualidade de vida do animal. O paciente foi liberado após 24 dias do procedimento, com total remissão dos sinais desenvolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o harpejamento é uma doença que interfere diretamente no desempenho atlético e no bem-estar dos animais afetados, cuja causa pode ser erros de manejo ou problemas no aparato locomotor, portanto, salienta-se a importância do correto manejo nutricional dos animais em épocas de severa falta de alimentação, e a procura por um profissional qualificado assim que o animal iniciar a apresentação clínica do harpejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAYA, O. KRAUSE, A. SOLIS, M. 1998. **Outbreaks of stringhalt in Southern Chile.** Vet. Rec. 142:462-463. Acesso em: 10/07/2022.

BROCKMAN, T. **A case study utilizing myofascial release, acupressure and trigger point therapy to treat bilateral “Stringhalt” in a 12-year-old Akhal-Teke horse.** Journal of Bodywork & Movement therapies, United States of America, v. 21, n. 3, p. 589-593, Set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbmt.2016.08.019>. Acesso em: 10/07/2022.



CAHILL, J.I. GOULDEN, B.E. 1992. **Stringhalt: current thoughts on etiology and pathogenesis**. Equine Vet. J. 24:161-162. Acesso em: 10/07/2022.

CAHILL, J.I. GOULDEN, B.E. PEARCE, H.G. 1985. **A review and some observations on stringhalt**. N.Z. Vet. J. 33:101-104. Acesso em: 10/07/2022.

DEL PIERO, F.; ROBERTSON, J. L. **The basics of equine neuropathology**. In: FURR, M.; REED, S. Equine neurology. 2nd. ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2015, p. 203. Acesso em 15/07/2022.

DUQUE, D. et al. **Idiopathic stringhalt in a Colombian Creole horse**. Revista Colombiana de Ciencias Pecuarias, Colombia, v. 27, p. 227-233, Jan. 2014. Acesso em: 10/07/2022.

GIUNCO, Camila. ABREU, Rogério Navarro. **Tratamento Cirúrgico para Harpejamento Idiopático Equino: Relato de Caso**. Disponível em: <https://revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/38130/42730>. Acesso em: 10/07/2022.

KRAMER, J. **Lateral digital extensor tenectomy**. In: WILSON, D. A et al. Manual of equine field surgery. Missouri: Elsevier, 2006. p. 72-75. Acesso em 15/07/2022.

MARTINEZ, J. **Considerações sobre a claudicação mecânica caracterizada por hiperflexão do tarso: arpejamento**. Revista Brasileira de Medicina Equina, [s.l.], v. 14, p. 4, jan. 2007. Acesso em: 10/07/2022.

PELOSO, J. G. **Biology and management of muscle disorders and diseases**. In: AUER, J. A.; STICK, J. A. Equine surgery. 4th. ed. Missouri: Elsevier, 2012. p. 1182-1184. Acesso em 15/08/2022.

PEMBERTON, O.H. 1979. **Investigations of a recent outbreak of stringhalt in horses in East Gippsland**. Vic. Vet. Proc. 37:16. Acesso em: 10/07/2022.

PEMBERTON, O.H. & CAPLE, I. W. 1980. **Australian stringhalt in horses**. Vet. Ann. 20:167-171. Acesso em: 10/07/2022.

RODRIGUES, Aline. CORTE, Flavio da la. GRAÇA, Dominguita. RISSI, Daniel. SCHILD, Ana. KOMMERS, Glaucia. BARROS, Claudio. **Harpejamento em Equinos no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/HLcKtQVXKgDqPzKXYbNDRnd/?lang=pt>. Acesso em: 10/07/2022.